

A “FOTOGRAFIA” DA VIDA OU BREVES PALAVRAS DE HOMENAGEM

O espectador ao contemplar uma paisagem, por mais que queira, nunca fica de fora dela: fica situado no seu interior. Apenas Deus é a sua própria situação: não necessita de “relações”. Por isso, tentar dizer qualquer coisa pessoal de alguém que fez parte do nosso “meio ambiente” e durante um largo período de tempo é, de certo modo, falar de nós próprios. Revejo, neste momento, o cenário da homenagem feita pelo DEPER ao Prof. Jorge Osório, em que o homenageado, para meu espanto, de máquina fotográfica em punho e num manuseio onde a delicadeza de movimentos ia de paralelo com a perícia, estudava perspectivas, delineava ângulos. Efectivamente, a vista – seja ela a natural ou a das câmaras – chega antes das palavras –, é ela que nos situa no mundo. Era o seu lado desconhecido para mim: completava agora com imagens o que com palavras escritas tinha explicado sobre outros temas. Aliás, o recurso à imagem é a confissão tácita de que a palavra nunca explica de forma total o que vemos, e que o que vemos nem sempre se adequa às palavras que dizemos ou escrevemos. Isto vem também confirmar a necessidade que a Linguística Cognitiva tem sentido de completar com esquemas imagéticos a conceptualização e categorização do mundo.

A propósito deste breve esboço de testemunho pessoal sobre o Prof. Osório, lembro o que num distante dia de 1972, em Poitiers e no primeiro congresso em que participei, a saudosa Prof.^a Maria de Lurdes Belchior me disse: «o melhor lugar para se conhecer as pessoas era vê-las fora da “manada”». Para quem estava habituado a vê-lo nos corredores da Faculdade, de rosto fechado, com uma pasta cheia de livros e papéis, com comunicados para os Colegas ou para o Conselho Directivo, isto é, traços de alguém nado e criado no ar duro e frio do Marão, com um aspecto de frade capuchinho, não imagina que por detrás dessa máscara estava

muito mais do que isso: uma pessoa que se ria e sobretudo fazia rir, dotado de transparência e flexibilidade. Fazer uma viagem ao seu lado era ter a certeza de ouvir falar do seu entranhado amor à Faculdade, das suas preocupações pedagógicas, da sua preocupação em defender os seus pontos de vista, da frontalidade com que vias coisas e se afirmava sem rebuços, sem nunca se esconder por detrás das palavras ou de atitudes menos leais. Ouvi da sua boca as melhores anedotas e peripécias que me fizeram rir à gargalhada.

Ensinou-me a “gramática de valências” que na língua tudo é relação e a língua pretende representar e categorizar o mundo. Tudo é relação, solidariedade entre as coisas e as pessoas. E essa perspectivação do mundo levou o homem a ver o mundo como espelho, em que as coisas se reflectem e se expandem. Deve haver sempre um animal e um objecto que nos espelham, que são o nosso símbolo. Os símbolos aqui só podem ser o caracol (sempre com a CASA – a nossa casa comum –, com a REVISTA – a nossa revista – às costas) e aquela máquina fotográfica que o acompanha (espelhando a sua preocupação em ser verdadeiro e em não mentir ao descrever as coisas).

Mário Vilela